

1 Introdução

1.1. Ares de Viagem

Cuba, novembro de 2003

Lembro-me do encontro com Samara. Lendo meu mapa astral, ela avisou-me que tenho o Netuno na casa cinco. À minha pergunta, respondeu o que isso significava: – você deve trabalhar seu lado artístico! Pois, tomei uma decisão: voltar ao Rio para estudar literatura. Li esta um trecho do Pasolini capaz de me impulsionar ao movimento do louco, personagem do tarô que se lança no abismo: “...durante muito tempo sempre me pareceu que o único mundo verdadeiro, válido, demonstrado pelos objetos, pela realidade física, era o meu; enquanto os outros me pareciam estranhos, diversos, anômalos, inquietantes e desprovidos de verdade”. Em seguida, com o cineasta, “logo compreendi que além do meu mundo, pequeno-burguês, tão cosmicamente absoluto, existia também um outro, ou melhor, existiam outros mundo” (Pasolini, 1990, p. 127).

Como resultado do meu retorno de Cuba, a produção iniciada sob o nome do cientista social Luis Felipe dos Santos Carvalho, pesquisador da Revolução Cubana seria interrompida pelo aparecimento de uma série de ensaios ficcionais-autobiográficos-críticos assinados por diferentes vozes-corpos.

Rio, março de 2004

Entre na vida de pesquisador-ensaísta. Talvez um dia seja cineasta. Ingressei no mestrado de Literatura Brasileira da PUC-Rio. Amanhã começa a viagem de dois anos.

1.2. A Klara-Mento

Não sei quem sou, que alma tenho.

Quando falo com sinceridade não sei com que sinceridade falo. Sou variamente outro do que um eu que não sei se existe (se é esses outros).

Sinto crenças que não tenho. Enlevam-me ânsias que repudio. A minha perpétua atenção sobre mim perpetuamente me aponta traições de alma a um caráter que talvez eu não tenha, nem ela julga que eu tenho.

Sinto-me múltiplo. Sou como um quarto com inúmeros espelhos fantásticos que torcem para reflexões falsas uma única anterior realidade que não está em nenhuma e está em todas. Como o panteísta se sente árvore e até flor, eu sinto-me vários seres. Sinto-me viver vidas alheias, em mim, incompletamente, como se o meu ser participasse de todos os homens incompletamente de cada, por uma soma de não-eus sintetizados num eu posição.

Fernando Pessoa

I

Glauber Rocha me apareceu em sonhos, desdobrando-se em seus personagens, em seus textos e cartas. Surgiram vários Glauburus. Da intimidade construída entre nós, veio o Buru – para mim sempre será esse seu nome. É um latinoamericano, homem da ação, que problematizou seu tempo e o espaço das intervenções políticas através da arte. Tomava liberdades com as regras da arte e desafiava os limites da vida. Para mim, é ao mesmo tempo cineasta, ensaísta político-cultural e uma das muitas vozes-corpos que permeiam essa disse-tal-ação. No fim das contas, são ações e possibilidades que ousou gritar-berrado. Arrisco um plainar e me abro para as vozes-corpos falarem através de mim.

II

Até onde pode a mente que mente, que dissimula, talha as palavras que escrevo para vocês lerem? Eu que escrevo agora não sou o mesmo que escrevi acima. Há pouco tempo? “O meu espaço é o tempo”. Assim, agora sou Eululyos. Sou trazido ao lado de L.Cavas, sob a benção de Vladimir Corvo e nas sens’ações dos San Carval. Até onde podem o meu e o seu sonhos? “O sonho é o único direito que não se pode proibir”. “O meu espaço é o tempo”. E assim caminho habitando a efemeridade do tempo. Vivo num átimo. Tudo que daqui escrevo-falo é uma cena que se passa num átimo – cen’átimos. Num instante preciso, onde o que ocorre “já-é”. É a partir desse átimo-espacial que falo para vocês ouvirem

– leiam em voz alta e escutarão a minha voz –

Paralisem-se na efemeridade.

Sintam o momento oportuno do trans-torno.

É a partir desse tempo-espaço, que Clarice Lispector me concedeu, que chego à vibração – coletiva – dessas vozes-corpos. Eu, Eulúilyos, converso com vocês invocando Glauber, Glauburu, ou melhor, Buru.

Nós dois, perfuraremos... deslocar-nos-emos... dentro do vulcão e passando com o furacão já estamos. Já-é. O que queremos é atrair a atenção de vocês que nos lêem-escutam.

Até onde pode a mente? Queremos deslocar as mentes viciadas no confortável que se apresenta como “real”. Para isso serão necessários “deslocamentos-viagens”, que nos retirem as amarras. Que nos lancem num eterno-cair. Num sentimento de sermos sempre strãgeyrus no mundo. “O meu espaço é o tempo”. E retornamos aos tais, cen’átimos. O que ocorre em nossas mentes que dissimulam? Esse preciso instante do presente traz em si mesmo o passado e o futuro anunciados. É nesse fragmento de instante que podemos falar na intimidade strãgeyra entre eu e Buru. É no momento oportuno da espreiteza que salto-solto-me no ar, que trans-torno ações. De crisálida a borboleta.

... assim, nasce, para vocês, a voz gritada berrada que viajará:

eu sou eulúilyos-vladimir corvo- l.cavas-arados santos c.-ebino[’aê] san carval...

1.3. Ares de Viagem

São Gabriel da Cachoeira, 16 de janeiro de 2004

Mergulhando nas escuras águas do Rio Negro, nesta cidade fantasma, onde os militares são o poder público e as pessoas – índias e mestiças – andam assustadas e desconfiadas, eu ouvi-encontrei Eulúilyos. Dizia ser muitos e viver em muitos lugares. Mostrou-me poemas e escritos. Disse que vagava, perambulava pelo mundo e aparecia nos lugares a qualquer hora. Repleto de mistérios e um jeito gingado de falar. Reproduzo essas vozes que ouvi ou esse corpo que gesticulou. Uma fala composta de gritos-berrados e gestos gestados.